VYDIAN FELIX BAPTISTA NUMA

“CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO: ALIMENTO PARA AS INFÂNCIAS” PESQUISA COM CRIANÇAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O JANTAR

SÃO PAULO

2020

A CASA TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

“CONVERSAS AO PÉ DO OUVIDO: ALIMENTO PARA AS INFÂNCIAS” PESQUISA COM CRIANÇAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O JANTAR

VYDIAN FELIX BAPTISTA NUMA

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Cisele Ortiz, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

2020

RESUMO

Quem é que não gosta de uma boa conversa? E de cochichar ao pé do ouvido? E se essa conversa vier acompanhada de uma boa refeição? E o que será que acontece quando quem conversa são crianças e dentro de uma instituição escolar? Através de uma pesquisa no Centro de Educação Infantil Samir Rachid Saliba, localizado no Tatuapé, Zona Leste da cidade de São Paulo, com crianças de 3 e 4 anos, tento ouvir as narrativas que permeiam o momento do jantar. As crianças conversam durante esse momento? Sobre o que as elas conversam? Desejei escutar as crianças pois queria que elas me contassem um pouco sobre o que sentiam em relação ao momento do jantar – especificamente – e se a percepção delas ela próxima a de algumas professoras e funcionárias: era momento de comer e não de brincar ou conversar. Nesses momentos assumi uma postura de pesquisadora-observadora, e o espaço do refeitório foi o grande laboratório dessa experiência que vivi com 15 crianças, onde pude não só ouvir, mas escutar e sentir.
PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Conversas. Escuta. Jantar.

ABSTRACT

Who doesn't like a good conversation? And whispering in the ear? What if this conversation is accompanied by a good meal? And what happens when children are talking and in a school? Through research at the Child Education Center Samir Rachid Saliba, located in Tatuapé, East Zone of the city of São Paulo, with children aged 3 and 4, I try to listen to the narratives that permeate the moment of dinner. Do the children talk during that moment? What do they talk about? I wanted to listen to the children because I wanted them to tell me a little about what they felt about dinner time - specifically - and if their perception is close to that of some teachers and employees: it was time to eat and not to play or talk. At those moments, I assumed the post of researcher-observer, and the cafeteria space was the great laboratory of this experience that I lived with 15 children, where I could not only hear, but listen and feel.
KEYWORDS: Children. Conversations. Listening. Dinner.

Dedico essa pesquisa as crianças:
aquelas que foram, aquelas que ainda são
e as que sempre permanecerão crianças.

Dedico a minha criança interior:
a do passado e a do futuro.
Mas, especialmente, a do presente e
minha melhor versão: à minha Sophia Mayumi[1]

[1] Uma de minhas muitas memórias de infância era quando, na leitura de um gibi, o formato do balão mudava para uma linha tracejada: ali estava a “dica” de que a conversa a seguir era um cochicho. Hoje entendo que é a “conversa ao pé do ouvido” das meninas e dos meninos. Assim registrarei e bordarei – sim, com agulha e linha, herança de família – os segredos mais importantes da minha escrita. Achei importante contar para você!

Tenho muito a agradecer!

À Vida que Ele me deu, através do colo amoroso de meus pais Fatima e José (nosso Zezinho), que me presentearam com a mais feliz das Infâncias ao lado da minha irmã Vivian, minha primeira companheira de descobertas e que me deu meus dois primeiros amores na vida, Beatriz e Arthur. Uma infância de muitas alegrias, brincadeiras com os amigos, vizinhos e primos, nas ruas, na praia, nas casas, sempre repleta de possibilidades e de conhecimentos.

À todas e todos amigas/amigos irmãos de vida que sempre me acompanham nas diversas etapas da minha vida – Richele, Solange, Elisangela/Lica, Paulo, Graziela, Cassiano, Luciana, Jaqueline – em especial a minha amiga-irmã Ângela, companheira da adolescência para a vida, quem idealizou e nos brindou com essa “Casa Sonho de Realidade” que é A Casa Tombada, junto com o querido Giuliano. Lá foi possível me reencontrar e encontrar mulheres maravilhosas, que realizam ações e práticas em seus territórios, possibilitando que as Infâncias aconteçam e que nossas crianças – as internas e as que estão ao nosso redor – possam viver o que são: livres, felizes e plenas. Gratidão a inteligência e a força dessas mulheres da pós “A vez e a voz”: minhas amigas de bando, vocês me “trans-bordaram” com muito afeto e luz. E como na música de Emicida, “Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho, nem que seja no peito um do outro”!

À mestra Adriana, responsável por acolher e fortalecer esse lindo bando. Pura inspiração, afeto e amor. Gratidão hoje e sempre pela oportunidade de estar próxima a você, mestra!

À querida Cisele, que foi primordial nessa reta final, transformando essa longa e difícil caminhada em uma viagem mais leve e repleta de aprendizagens. E com uma doçura e acolhimento que foram meu alimento em longas tarde de estudo e reflexão. Que mulher, minha gente!

Às minhas amigas “cepéias”, companheiras de profissão e sonhos, Rosa Helena, Liliane e Rosa Maria, essa última minha incentivadora “porreta” para mergulhar na Educação Infantil, que emprestou seu ombro, ouvido e saberes quando as angústias surgiram. Ela foi a culpada pelo início da aventura, e meu par avançado. Não tinha como ter outra arguidora para minha pesquisa, não é verdade?

À querida “Ordem”, que nem imagina como me impulsiona com suas inquietações e afeto. Carlos Eduardo/Cadú, Simone, Rosana, Heloísa, Patrícia e Monica, agradeço pelo carinho de sempre! E a minha “sex” querida, Terezinha, pela cumplicidade e caminhada na coordenação pedagógica.

À Eliete e Elisabete, e a equipe escolar do CEI Samir Rachid Saliba, que me acolheram e me desafiaram, mesmo sem saber, a ir sempre além, a ser uma melhor profissional e a me encantar quando nas interações com nossos bebês e crianças. Há muito o que fazer ainda, mas o encantamento de vocês só alimentou ainda mais o meu. Agradeço as professoras Ana Beatriz/Bia e Elaine que souberam acolher essa turma tão potente e sabida de crianças. Eles nos marcaram, não?

À essa turma de crianças, que dos altos de seus 3 e 4 anos, me ensinaram sobre escuta, sobre ser simples e sobre viver intensamente. Só posso agradecer continuando a pesquisar e a gritar algumas de suas conversas ao pé do ouvido, e a compreender que seus segredos foram, um dia, os meus também. Agradeço pelo ano de 2019!

E, como toda construção para ser sólida, precisa de muito cimento, compromisso e equipe, agradeço a minha equipe favorita, aquela que sempre está à postos para me manter de pé. Que faz o café da manhã, que organizou infindáveis finais de semana para que eu pudesse me dedicar aos estudos e a pesquisa, me acolheu com abraços e beijos quando achei que não conseguiria chegar ao fim, e que esteve e sempre estará me apoiando, mesmo sem entender nada sobre o assunto, mesmo que eu fala horas e horas sem fim apenas me apoiando e motivando: Alexandre e Sophia, meu Ale e minha Florzinha Fofucha, sem vocês não teria graça... Gratidão!

SUMÁRIO

A CAMINHADA 08
E PARA COMEÇAR... O INÍCIO 13
GERAÇÃO DOS DADOS 17
1. **Quem são essas crianças?** 19
2. **Metodologia** 21
A PESQUISA 23
1. **Transcrições dos dados gravados e fragmentos de registros** 24
O QUE OUVI 29
O QUE ESCUTEI 35
O QUE SENTI 38
INQUIETAÇÕES 40
O TANTO QUE RECEBI QUERO COMPARTILHAR 44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 46
ANEXOS 48

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba” 08
Imagem 2: Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba” 08
Imagem 3: Carta de Eliani Ragonha (frente) 10
Imagem 4: Carta de Eliani Ragonha (verso) 10
Imagem 5: Carta de Vydian Felix Baptista Numa (frente) 11
Imagem 6: Carta de Vydian Felix Baptista Numa (verso) 11
Imagem 7: Eu com 1 ano de idade 13
Imagem 8: Meu objeto de apoio – o paninho 13
Imagem 9: Com 1 ano e 10 meses 13
Imagem 10: Usando jardineira, 2 anos e 6 meses 19
Imagem 11: Meu primeiro salário atuando com crianças de 3 e 4 anos 14
Imagem 12: Mesa para as crianças (década de 80) 41
Imagem 13: Refeição com a família (década de 90) 41

A CAMINHADA

Inicio fazendo memória desde o primeiro módulo do curso de especialização Latu-senso “A Vez e a Voz das Crianças: a Arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”. Assim que soube que deveria ter um tema para minha pesquisa, me apavorei, pois sempre fui daquelas pessoas que deseja tudo – e acaba fazendo muito pouco. Pensei a princípio em pesquisar o brincar livre de crianças que frequentassem uma escola da pedagogia Waldorf, talvez por ter experimentado com meus sobrinhos que hoje tem 12 anos. Mas nessa época, eu ainda trabalhava em escola de ensino fundamental, de 6 a 15 anos. A transição para a Educação Infantil aconteceu em janeiro de 2019, quando iniciei no Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba”, localizado no bairro do Tatuapé, local onde nasci e passei toda a minha infância, nas brincadeiras de rua e nas descobertas com as meninas e meninos vizinhos. Então me apaixonei pelos bebês: não sabia ao certo o que queria pesquisar, apenas que gostaria de estar com eles, em especial os bebês do Berçarinho / Berçário I – bebês até 1 ano de idade.

Imagem 1 e 2: Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba”

Fonte: acervo pessoal

Minha experiência na Educação Infantil foi breve, há cerca de 20 anos atrás na rede particular. Estar no Centro de Educação Infantil é, a cada dia, uma maravilhosa surpresa. Os diversos espaços me encantam e os pequenos e pequenas me cativam a cada olhar, a cada movimento corporal, nas atividades, no deslocamento entre os ambientes, no brincar e pular nos parques, em seus comentários sempre poéticos e com um olhar amoroso para as “coisas”.

A leitura de “O Código do Ser: Uma busca do caráter e da vocação pessoal” (HILLMAN, 1997) me trouxe um pouco mais de tranquilidade e, na verdade, não escolhi meu tema de pesquisa, mas sim fui escolhida! O refeitório apresentou-se “o lugar” dos encontros durante o ano de 2019. Nesse local, passei a conhecer as crianças e estar com elas da forma mais intensa e inesperada. No CEI Samir, o refeitório das crianças de 2 e 3 anos fica na passagem da secretaria para os demais espaços da unidade, e toda vez que passava, me chamava a atenção vê-las conversando, sorrindo, contando segredos ao “pé do ouvido”. Certo dia, ao passar com o eletricista para verificar a luz das salas de dois berçários, uma criança me interpelou: *“Ei, onde você vai? E quem é esse moço?”*. Depois de explicar, sendo segurada pela mão, a criança ficou assustada pelo fato de os bebês estarem sem luz (na verdade era apenas uma ou duas lâmpadas e a luz natural dava conta de iluminar todo o espaço): *“Coitado dos bebês, estão no escuro! Pode deixar eles usarem nossa sala né?”* se dirigindo para uma colega que ouvira e concordara com tudo (Maio, 2019).

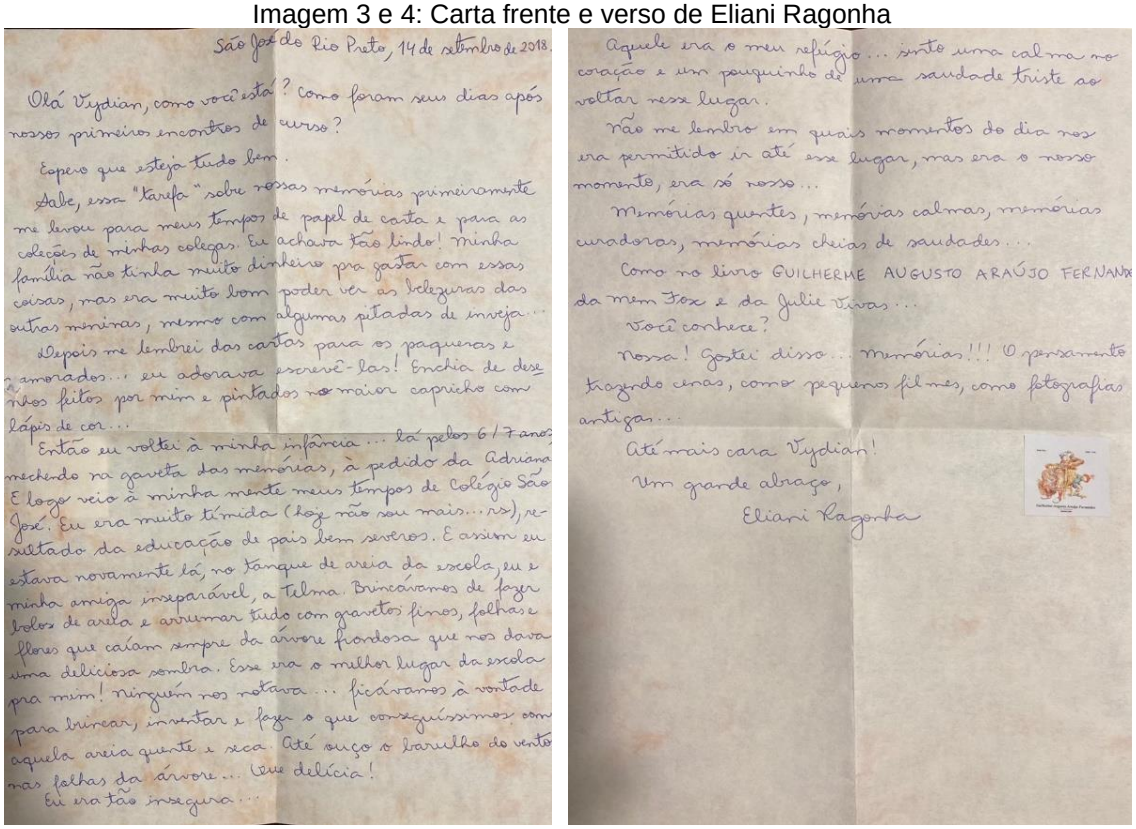
Mesmo antes de ter a certeza que meu tema estaria nesse contexto, iniciei algumas anotações do que, em alguns momentos, apenas observava, em outros interagia com as crianças. Notei assim que, ao final do primeiro semestre, minha presença já era algo comum, e quase sempre as crianças me chamavam para conversar ou mostrar o que estavam comendo ou fazendo. Nesses momentos observei as pequenas brincadeiras, as conversas mais intimistas, e como esse momento trazia relatos diferentes dos que aconteciam em outros espaços, como no parque por exemplo. No refeitório o “tema” dos bate papos pareciam ainda mais livres.

Outra angústia surge quando percebo a atitude de algumas professoras e outras funcionárias em relação a esse momento. Frases como “agora não é hora de brincar!” ou “é hora de comer e não de conversar!” me paralisavam. Não fazia muito sentido pois lembrava de meus encontros com amigos ou em família, o combinado era sempre termos uma bela mesa com comidas e bebidas, mas também fazia parte essencial de estar a mesa, a conversa solta, e o reencontro. Não se trata, para mim, apenas de nutrir o corpo, mas também o afeto, a cultura, a rotina. E por que não fortalecemos isso na infância? E como falar para uma criança não brincar se essa é a sua forma de ser e estar? Levei todos esses por quês para a formação com as professoras e as provoquei. Foram três encontros

de uma hora onde algumas se justificavam, outras afirmavam a mesma postura que observava no refeitório e outras se faziam a mesma pergunta.

Mais uma coincidência em relação ao meu tema de pesquisa: no início da pós graduação “A vez e a voz das crianças”, a querida Adriana Friedmann nos convidou a escolher uma pessoa para nos correspondermos. Eu, que não conhecia nenhuma das alunas, me encontrei com Eliani Ragonha, uma querida colega que se tornou amiga de caminhada, que viajava aos finais de semana de aula na pós, vindo de São José do Rio Preto. Sim, mais de 5 horas de viagem, um filho que deixava com o pai, o descanso do final de semana transformado em viagem e em estudo. Uma guerreira, que também conversou comigo “ao pé do ouvido”, em sua carta de memórias de infância, dos papéis de carta ao tanque de areia. E dentre tantas colegas de pós, nós duas enveredamos pelo mesmo tema: o momento da refeição. Fizemos pesquisas independentes, nem notamos a tamanha coincidência, e mais uma vez lembro da leitura de Hillmann (1997).

Imagem 3 e 4: Carta frente e verso de Eliani Ragonha



São José do Rio Preto, 14 de setembro de 2018.

Olá Vydian, como você está? Como foram seus dias após nossos primeiros encontros de curso?

Espero que esteja tudo bem.

Sabe, essa "tarefa" sobre nossas memórias primeiramente me levou para meus tempos de papel de carta e para as coleções de minhas colegas. Eu achava tão lindo! Minha família não tinha muito dinheiro pra gastar com essas coisas, mas era muito bom poder ver as bolezuras das outras meninas, mesmo com algumas pitadas de inveja...

Depois me lembrei das cartas para os paqueras e amorados... eu adorava escrevê-las! Enchia de desenhos feitos por mim e pintados no maior capricho com lápis de cor...

Então eu voltei à minha infância... lá pelos 6/7 anos, mexendo na gaveta das memórias, à pedido da Adriana. E logo veio à minha mente meus tempos de Colégio São José. Eu era muito tímida (hoje não sou mais... rs), resultado da educação de pais bem severos. E assim eu estava novamente lá, no tanque de areia da escola, eu e minha amiga inseparável, a Telma. Brincávamos de fazer bolos de areia e arrumar tudo com gravetos finos, folhas e flores que caíam sempre da árvore frondosa que nos dava uma deliciosa sombra. Esse era o melhor lugar da escola pra mim! Ninguém nos notava... ficávamos à vontade para brincar, inventar e fazer o que conseguíssimos com aquela areia quente e seca. Até ouço o barulho do vento nas folhas da árvore... Que delícia!

Eu era tão insegura...

Aquele era o meu refúgio... sinto uma calma no coração e um pouquinho de uma saudade triste ao voltar nesse lugar.

Não me lembro em quais momentos do dia nos era permitido ir até esse lugar, mas era o nosso momento, era só nosso...

Memórias quentes, memórias calmas, memórias curadoras, memórias cheias de saudades...

Como no livro GUILHERME AUGUSTO ARAÚJO FERNANDES da Mem Fox e da Julie Vivas...

Você conhece?

Nossa! Gostei disso... Memórias!!! O pensamento trazendo cenas, como pequenos filmes, como fotografias antigas...

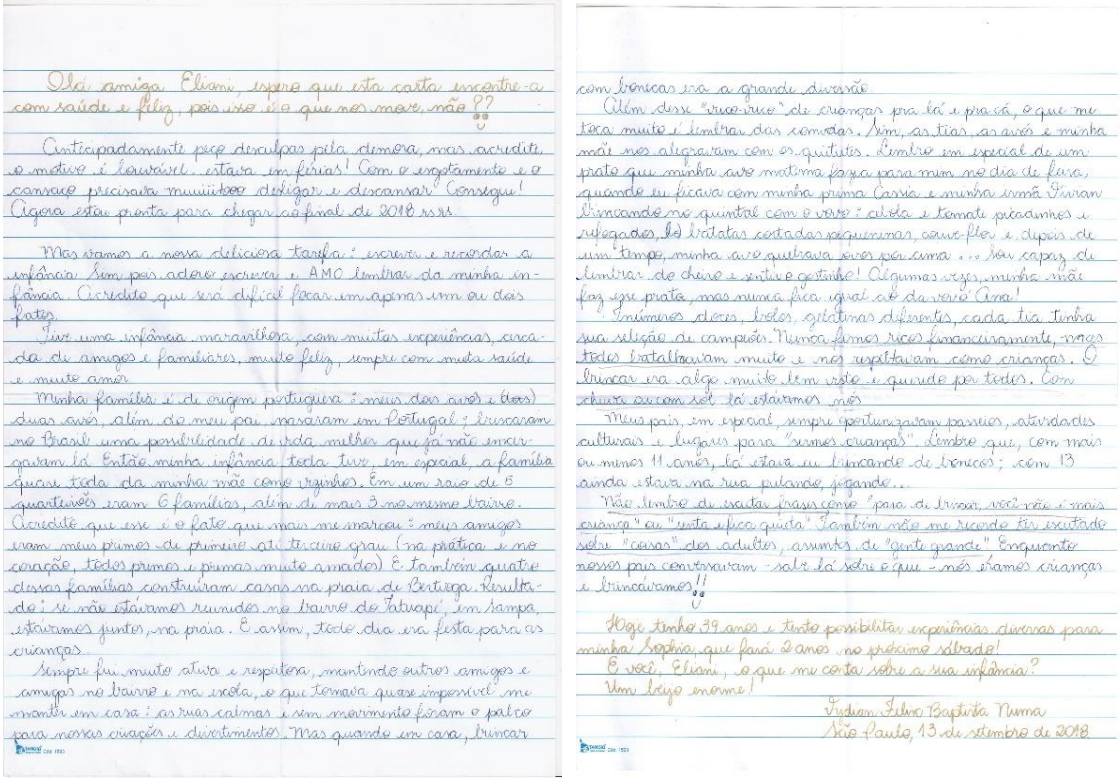
Até mais cara Vydian!

Um grande abraço,

Eliani Ragonha

Fonte: da autora

Imagem 5 e 6: Carta frente e verso de Vydian Felix Baptista Numa



Olá amiga Eliani, espero que esta carta encontre-a com saúde e feliz, pois isso é o que nos move, não??

Antecipadamente peço desculpas pela demora, mas acredite, o motivo é louvável: estava em férias! Com o isolamento e o cansaço precisava muuiitoo desligar e descansar. Consegui! Agora estou pronta para chegar ao final de 2018 rsrs.

Mas vamos a nossa deliciosa tarefa: escrever e recordar a infância. Sim pois adoro escrever e AMO lembrar da minha infância. Acredito que será difícil focar em apenas um ou dois fatos.

Tive uma infância maravilhosa, com muitas experiências, cercada de amigos e familiares, muito feliz, sempre com muita saúde e muito amor.

Minha família é de origem portuguesa: meus dois avós e (dos) duas avós, além de meu pai, nasceram em Portugal; buscaram no Brasil uma possibilidade de vida melhor que já não encontravam lá. Então minha infância toda teve, em especial, a família que tida da minha mãe como vizinhos. Em um raio de 5 quarteirões eram 6 famílias, além de mais 3 no mesmo bairro. Acredito que esse é o fato que mais me marcou: meus amigos eram meus primos de primeiro até terceiro grau (na prática e no coração, todos primos e primas muito amados). E também quatro dessas famílias construíram casas na praia de Peruíbe. Resultado: se não estávamos reunidos no bairro de Itaquaquecetuba, em Sampa, estávamos juntos, na praia. E assim, todo dia era festa para as crianças.

Sempre fui muito ativa e respeitosa, mantinde outros amigos e amigas no bairro e na escola, o que tornava quase impossível me manter em casa: as ruas calmas e sem movimento foram o palco para nossas criações e divertimentos. Mas quando em casa, brincar com bonecas era a grande diversão.

Além desse "vaivem" de crianças pra lá e pra cá, o que me toca muito é lembrar das comidas. Sim, as tias, as avós e minha mãe nos alegravam com os quitutes. Lembro em especial de um prato que minha avó materna fazia para mim no dia de faxina, quando eu ficava com minha prima Cassia e minha irmã Giovana brincando no quintal com o verso: cebola e tomate picadinhos e refogados, batatas cortadas pequeninas, couve-flor e, depois de um tempo, minha avó quebrava ovos por cima... Sou capaz de lembrar do cheiro e sentir o gostinho! Algumas vezes, minha mãe faz esse prato, mas nunca fica igual à da vovó Ana!

Inúmeros doces, bolos, gelatinas diferentes, cada tia tinha sua seleção de campeões. Nunca fomos ricos financeiramente, nos todos batalhavam muito e nos respeitavam como crianças. O brincar era algo muito bem visto e querido por todos. Com chuva ou com sol, lá estávamos nós.

Meus pais, em especial, sempre oportunizavam passeios, atividades culturais e lugares para "somos crianças". Lembro que, com mais ou menos 11 anos, lá estava eu brincando de bonecas; com 13 ainda estava na rua pulando, pegando...

Não lembro de escutar frases como "para de brincar, você não é mais criança" ou "senta e fica quieta". Também não me recordo ter escutado sobre "coisas" dos adultos, assuntos de "gente grande". Enquanto nossos pais conversavam - sabe lá sobre o que - nós éramos crianças e brincávamos!!

Hoje tenho 39 anos e tento possibilitar experiências diversas para minha Sophia, que fará 2 anos no próximo sábado!

E você, Eliani, o que me conta sobre a sua infância?

Um beijo enorme!

Vydian Felix Baptista Numa
São Paulo, 13 de setembro de 2018

Fonte: imagem cedida por Eliani Ragonha

Assim nasce “Conversas ao pé do ouvido: o alimento das infâncias”. O objetivo de minha pesquisa foi o de coletar informações sobre o que as crianças conversam durante os momentos de refeição, mais especificamente, no momento do jantar no Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba”. As minhas hipóteses são em relação a pluralidade dos temas e como as próprias crianças percebem o estar nesse espaço: Sobre o que conversam? Podemos conversar durante o jantar?

A observação, a anotação e a gravação das vozes das crianças serão a base para minha pesquisa. Fotos das crianças não serão utilizadas. E não foi fácil abrir-se à escuta e, depois, à escrita. Tudo que experenciei foi difícil traduzir para o papel, e sempre pareceu não dar conta de tudo que aconteceu. E ainda houve a pandemia do Covid 19 (coronavírus), que obrigou a todos nós um período de isolamento de março até o momento que encerrava essa pesquisa e escrita (setembro de 2020). Um momento que fez com que todos e todas passássemos por diversos sentimentos, angústias... Com o trabalho remoto do CEI e em casa com a pequena Sophia, o começo foi anestesiante: não consegui produzir meu trabalho de conclusão de curso, não conseguia manter o foco para

o estudo, tive meu processo de escrita interrompido devido a necessidade de tempo para respirar em meio ao caos estabelecido. Hoje vejo que não poderia ser diferente, tendo em vista que a escrita se relaciona com o nosso íntimo, expõe o que muitas vezes não é possível enxergar. Foi um período extenuante e muito incerto. Pensei, inclusive em desistir. Que bom foi ter uma rede de apoio com as companheiras de pós, minha família, e as queridas mestras Adriana Friedmann e Cisele Ortiz! Me refiz – e ainda estou em processo – e finalizei a escrita, mas não as reflexões sobre tudo que vivi e aprendi. E como os pequenos me ensinaram!

Sendo assim, minha pesquisa de campo aconteceu com as crianças de 3 e 4 anos, matriculadas no Centro de Educação Infantil da rede Municipal de São Paulo, durante o jantar. Nem todas as famílias autorizaram que seus filhos participassem da pesquisa, sendo assim, darei foco as conversas e diálogos de 15 crianças.

"Nós, adultos, temos grande dificuldade de silenciar e escutar verdadeiramente; acreditar e reconhecer que as crianças têm saberes diferentes dos nossos; e que é essencial conhece-los e adequar atividades e propostas socioeducacionais a cada grupo e contexto". FRIEDMANN, 2020, p. 141.

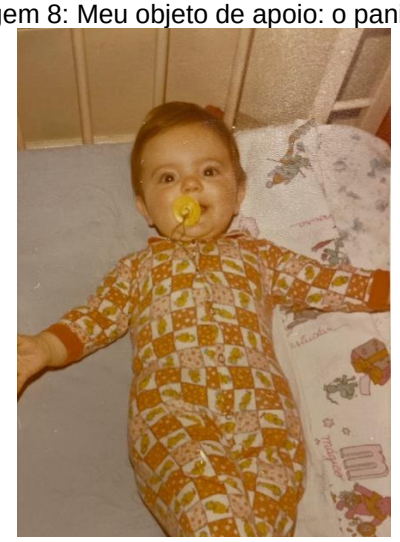
E PARA COMEÇAR... O INÍCIO

Sempre fui uma criança extremamente dinâmica e exploradora: claro que isso, em alguns momentos, foi um problema para os adultos, não para mim! Nunca me contentava com explicações rasas ou o famoso “porque sim”, sempre soube que tinha muito mais coisas além. Sempre fui uma criança muito feliz e tive muitas oportunidades de viver essa infância intensamente, nas ruas do bairro do Tatuapé, Zona Leste de São Paulo, ou nas ruas de Bertioga, litoral norte de São Paulo, com muitos primos, primas, amigos e amigas.

Imagem 7: Eu com 1 ano de idade

Fonte: acervo pessoal

Imagem 8: Meu objeto de apoio: o paninho



Fonte: acervo pessoal

Imagem 9: Com 1 ano e 10 meses

Fonte: acervo pessoal

Imagem 10: usando jardineira, 2 anos e 6 meses

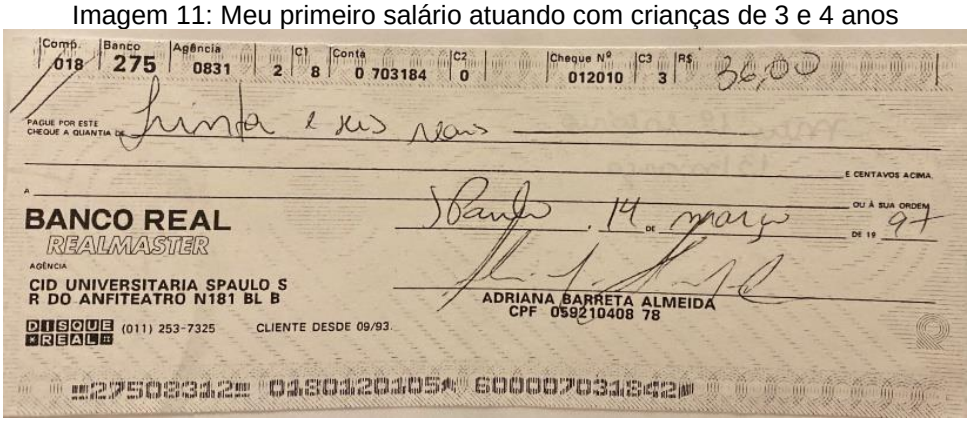
Fonte: acervo pessoal

Fui, desde as séries iniciais, uma excelente aluna, estudiosa e com facilidade para entender o que era proposto e dito. Me fiz na escola pública, o que é um grande orgulho para mim: frequentei a Escola Municipal de Educação Infantil “Quintino Bocaiuva”, estudei na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Jackson de Figueiredo” (onde mais tarde atuei como professora de Educação Física por dois anos) e estudei na Escola Estadual de Ensino Médio “Prof. Ascendino Reis”, todas as três localizadas no bairro do Tatuapé. Na graduação fui para a rede privada pois na época, a Universidade de São Paulo dividia a graduação de Educação Física – minha primeira formação acadêmica – em licenciatura e bacharelado, e não queria optar por uma apenas, queria a licenciatura plena que abrangeria as duas.

Tive muitos sonhos de profissão: professora, astronauta, ginasta olímpica (pratiquei por quase 7 anos), jogadora de Handball (fui capitã da escola por dois anos consecutivos), educadora física... Tantas e ao mesmo tempo que nem me lembro direito. Mas percebia que não queria ser apenas uma “coisa”, e sim muitas!

Mesmo antes de ingressar na faculdade, decidi que iria trabalhar: junto com mais duas amigas partimos em busca de algo. Com a querida Luciana, procurei atendente em consultório. Com a Solange, fomos em escolas de inglês, afinal tínhamos estudado por anos o idioma em escola particular. Iniciamos no “The Kids Club”: meu primeiro trabalho e com crianças de 4 a 12 anos. Foi meu segundo encontro com a infância, e primeira como adulta! Me realizei, em especial, com uma turma de projeto piloto, com sete crianças de 4 e 5 anos.

Imagem 11: Meu primeiro salário atuando com crianças de 3 e 4 anos



Fonte: acervo pessoal

Nos dois últimos anos da graduação (1999 e 2000), fiz estágio no SESC Consolação – Serviço Social do Comércio. Lá atuei em diversas turmas de ginástica, esporte e no projeto Curumim, destinado as crianças de 7 a 12 anos no contra turno escolar. Olha lá novamente meu encontro com elas, as crianças! Foi através desse projeto que ouvi falar, pela primeira fez da mestra Adriana Friedmann: a educadora Katia do Curumim estava estudando o livro “A arte de brincar – Brincadeiras e jogos tradicionais” (1995). Conclusão: estudei o livro junto com a educadora. Foi meu terceiro encontro com as crianças e o primeiro com a Adriana.

Quando conclui a graduação, fui aprovada no concurso da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e ingressei em 2002 como professora. Aí reencontrei com as diversas infâncias e crianças, de 7 a 14 anos, em bairros de classe média, baixa e periferia. Então tive a certeza do meu lugar no mundo! Será?

Em 2007 me tornei tia (e madrinha) e encontrei meus dois primeiros amores: Beatriz e Arthur, os filhos gêmeos de minha irmã mais velha Vivian. Com eles me realizei e voltei a mergulhar nas infâncias e na potência das crianças: sempre me fiz presente em suas brincadeiras e inventividades, agradecendo o verdadeiro presente que eles dois eram, e ainda são, para mim.

Em 2010 passei no concurso de acesso e iniciei minha atuação como coordenadora pedagógica. Foi então, em 2016, que engravidei pela segunda vez – perdi meu primeiro bebê em 2013 – e, como em tudo na gestação e na maternidade, minha vida mudou totalmente. O que eu vinha fazendo nas escolas de Ensino Fundamental não eram mais suficientes para mim. Comecei a questionar se estava no lugar certo, e aquela vontade de fazer outras coisas, mil coisas ao mesmo tempo, retornou com tudo. E minha amiga Rosa Maria, já na Educação Infantil, sempre dizendo como via potência no meu trabalho para com os pequenos.

Em 2018 me inscrevo na pós-graduação “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis” – se era para me aventurar nesse universo até então um pouco desconhecido, queria estudar e me preparar muito. Foi o que fiz em 2018 e 2019!

E assim, encontrei meu lugar, fui aceita pelos bebês e crianças do Centro de Educação Infantil “Samir Rachid Saliba”, no bairro do Tatuapé. Foram eles e

elas que me mostraram a quanto tempo estou conectada com as crianças e as infâncias e não havia notado. Como sempre, esse foi o meu lugar. E celebro muito com essa pesquisa de conclusão de curso, agradecendo pela criança que fui, as tantas que conheci e pude conviver, e aquela que me redescobri!

> Quando sustento a necessidade de olhar e ouvir as crianças e compreender suas mensagens, refiro-me às crianças de fora e às crianças de dentro, às crianças das memórias e às crianças do momento atual, às crianças desta e de qualquer outra cultura. Cada um de nós é constituído por uma multiculturalidade de infâncias que provém das memórias orgânicas, das memórias influenciadas pelas culturas arquetípicas, materna, paterna, a multiculturalidade das nossas raízes familiares, comunitárias e as pós-modernas. (FRIEDMANN, 2013, p. 31)

GERAÇÃO DOS DADOS

Decidi realizar a minha pesquisa em meu ambiente de trabalho. Primeiro pois pensei – com grande ingenuidade – que seria mais fácil realizar. Logo percebi que não, pois todas as vezes que me organizava para estar com as crianças, era solicitada por alguém ou alguma demanda de trabalho. E segundo pois queria pesquisar um grupo com o qual eu tivesse um pouco mais de vínculo. Como comecei a trabalhar no CEI Samir em janeiro de 2019, pensei que tudo faria mais sentido. E um terceiro motivador foi ver e ouvir o que algumas professoras e demais educadoras falavam – e faziam – nos momentos de alimentação. Me causava estranheza pedir que as crianças parassem de brincar e, em alguns momentos, a atenção dessas educadoras estar balizada apenas em alimentar com comida as crianças: quem comeu, quem comeu tudo, quem repetiu, o que não comeu e por que.

Utilizo o termo “geração de dados” em consonância com o estudo e artigo de Márcia Buss- Simão (2014) e que cita Graue e Walsh (2003), ao fato que os dados não estão andando por aí a espera de algum pesquisador, mas sim são gerados por meio de relações e interações entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Além disso, Simão traz a complexidade do papel de quem pesquisa sobre crianças e infâncias, em especial, as crianças mais pequenas. Assim também como a opção de muitos pesquisadores buscarem conhecer a infância e as crianças por um conceito de infância e uma pesquisa a partir do foco que elas – as crianças – não são vistas nem tratadas como objeto (KRAMER, 2002).

As contribuições de Ortiz & Carvalho (2012), no livro “Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação” me levou a perceber que era preciso refletir com as professoras essa naturalização de separar o cuidar do brincar. Assim, o livro já era previsto para estudo no PEA – Projeto Especial de Ação –, momento em que todas as professoras estudam um determinado tema proposto de início do ano, e que compõe sua jornada de trabalho. Foi durante o estudo desse livro que as provoquei: *“É possível uma criança parar de brincar?*” Todas disseram que não, nunca. *“Então por que em alguns momentos, como no refeitório, nós dizemos ou ouvimos a frase “parem de brincar”?*” O silencio nos dois grupos de estudo – um das 12h30 às 13h30 e outro das 17h30 às 18h30 – foi ensurdecedor e, acredito, que formativo também.

Uma ou duas colegas defenderam que era uma forma das crianças terem mais atenção ao que estavam fazendo, se alimentando. Provoquei aprofundando a reflexão questionando: *"E elas param de brincar?"* A maioria concordou que não. A pergunta que ficou foi, então por que insistimos?

Mal sabia que esse seria meu tema de pesquisa e que ele foi inaugurado com um livro que minha orientadora para essa pesquisa escreveu, Cisele Ortiz. Percebi que as contribuições do estudo da obra de Hillman (1997) estavam me guiando mais do que nunca nesse processo de escolha de tema.

A questão agora era o foco central: pesquisaria sobre aspectos da construção da identidade dessas professoras e como elas viam e se viam nesse espaço de atuação, o refeitório, ou focaria na escuta das crianças? Assim delineei o foco da pesquisa: olhar para apenas uma turma e um momento de alimentação, o jantar. Afinal, essas crianças haviam me afetado desde o início da minha jornada na unidade, e a comida tem afetividade de sobra.

Em outubro de 2019 estava de férias e quando retornei, no início do mês seguinte comecei a organização da pesquisa de campo. Solicitei autorização para a direção da unidade e falei brevemente com as professoras do agrupamento em questão, Ana e Elaine, não tendo nenhuma objeção. Na sequência fui conversando com as famílias de cada criança e entregando uma autorização, deixando claro o que seria a pesquisa, que imagens não seriam realizadas e que apenas as crianças que tivessem devidamente autorizadas participariam. Mesmo para quem não devolveu a autorização, não insisti, deixei as famílias à vontade. Apoiei minha ação nos conceitos éticos básicos citados em Friedmann (2020): confiança, respeito e honestidade. E se tratando de escuta e observação de crianças, fiz alguns questionamentos: Por que escutar? Para que escutar? O que fazer com o que escutei? Como fazer as devolutivas do que foi escutado?

Desejei escutar as crianças pois queria que elas me contassem um pouco sobre o que sentiam em relação ao momento do jantar – especificadamente – e se a percepção delas ela próxima a de algumas professoras e funcionárias: era momento de comer e não de brincar. De acordo com minhas descobertas poderia, assim, problematizar a questão com a equipe escolar e com as próprias crianças, pensando nesse momento, e no que realmente consistia esse tempo dentro de uma rotina na escola da Infância.

Depois desse processo, parti para o momento que mais me interessava: perguntei, durante um jantar, se as meninas e os meninos gostariam de participar da minha pesquisa.

"Pra que?", "O que é pesquisa?", "Mas o que eu tenho que fazer?", "Quando?". As poucas perguntas que surgiram, respondi de forma simples e objetiva, explicando que era uma pesquisa para minha escola onde fazia pós graduação, e que eu só queria estar com eles em alguns momentos do jantar. Mas o melhor seriam as respostas: *"Tá", "Então tá bom"*. E nunca mais elas me perguntaram sobre a pesquisa. Penso que elas já me aceitaram como "pesquisadora" antes mesmo de eu pedir. Pois para as crianças sua vida é o brincar, e esse tem sua alma constituída de "pesquisar", assim como nos mostra Carvalho, 2006, p. 26:

> Como sujeito implicado em sua própria aprendizagem, as crianças não recebem prontas as informações que lhes são apresentadas: elas se apoiam nos recursos de que dispõem no momento para perguntar, levantar hipóteses, buscar soluções inteligentes para atribuir significados a objetos, relações e fenômenos que as cercam.

1. Quem são essas crianças?

Alice, Ana, Davi, Estevão, Gabriel, Gabriel, Isaac, Letícia, Letícia, Maria, Maria, Nathan, Rafferty, Ruth e Yan. Do total de 24 crianças matriculadas no agrupamento escolhido para a pesquisa, 15 tiveram a autorização de seus responsáveis.

As crianças pesquisadas tinham entre 3 a 4 anos de idade e são as autoras dessa pesquisa. Arrisco dizer que fui porta voz delas, para registrar o que elas gostariam que muitas pessoas soubessem: todos os momentos são de muita brincadeira e aprendizagem, inclusive durante a alimentação.

Em relação a identidade, fiz a opção por manter o primeiro nome. Se essas crianças são os "sujeitos da pesquisa", elas não podem se reconhecer em suas próprias histórias, permanecendo ausentes e anônimas (KRAMER,2002).

Fui acolhida, respeitada, ouvi suas conversas, guardei seus segredos... Como sujeitos de direitos e produtoras de cultura e conhecimento, o anonimato me pareceu uma forma incoerente com a proposta da pesquisa, que seria dar “vez e voz” para elas. Porém elas não sabem que mantive seus nomes: na verdade, enquanto tecia a presente escrita, imaginei que teria sido bastante respeitoso e democrático ter perguntado a elas o que gostariam, manter seus verdadeiros nomes ou escolher como gostariam de ser identificadas.

Da mesma maneira entendi manter o nome do CEI e das educadoras aqui citadas, pois também foram os personagens dessa minha narrativa. Omiti apenas o agrupamento em questão.

A unidade do CEI Samir está localizada no bairro do Tatuapé, na Zona Leste da cidade de São Paulo. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da unidade, Tatuapé é um bairro nobre na região, teve forte tradição industrial, e hoje deu lugar a escritórios e departamentos. Com a mudança das indústrias, o Tatuapé ganhou grandes condomínios residenciais de médio e alto padrão.

Em geral, as crianças moram perto do CEI ou seus pais e mães trabalham na região. Grande parte deles tem formação universitária, com apenas algumas mães que finalizaram o ensino básico, e que trabalham como diaristas em condomínios próximos.

Dessas 15 crianças, uma é filho de imigrantes oriundos de outro país.

São 7 meninas e 8 meninos. O grupo em questão era bastante assíduo, com faltas apenas por motivo de saúde ou algo parecido.

Com essas informações, obtidas no Projeto Político Pedagógico e com a direção da unidade, percebemos que o grupo é formado por crianças de classe sociais próximas e são homogêneos em relação a idade e ao gênero.

> Desvelando o real, subvertendo a aparente ordem natural das coisas, as crianças, para Benjamin, falam não só do seu mundo e da sua ótica; falam também do mundo adulto, da sociedade contemporânea. Imbuir-se desse olhar infantil crítico é aprender com as crianças e não se deixar infantilizar. Conhecer a infância passa a significar uma das possibilidades para que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que o produz. (KRAMER, 2002, p. 46)

2. Metodologia

Na Educação Infantil estamos sempre atentas para fotografar ou tomar nota das cenas que demonstrem o percurso das crianças, assim como suas descobertas e pesquisas. O objetivo é documentar a prática pedagógica, ou indo mais além, como nos remete Fochi (2019):

> O verbo **documentar** é sinônimo de registrar, de produzir documentos ou evidencias. Nesse caso, estamos nos remetendo à ação de fotografar, filmar, anotar, recolher produções das crianças. Em si, documentar não dá conta do conceito da Documentação Pedagógica, mas apenas ao ato de produzir algum tipo de registro sobre a prática pedagógica. (p. 12, “grifo do autor”)
>
> [...] O conceito pedagógico da Documentação Pedagógica envolve um modo de olhar, de refletir, de fazer, de pensar e de comunicar o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças e dos adultos. Nesse sentido, tenho defendido que o conceito, enquanto uma estratégia para a construção do conhecimento praxiológico, vai muito além de um modo de registrar e comunicar, pois transforma o sistema de relações no interior das escolas e reposiciona crianças e adultos no processo educativo. (p. 14)

Mas para minha pesquisa, fiz uma opção inversa, na tentativa de estar discreta na relação com as crianças, e por entender a problemática que Kramer (2002) discute, entre outros autores:

> Outra preocupação que justifica levantar essa questão tem origem no uso abusivo, indiscriminado, generalizado de imagens de crianças. Parece, por vezes, que também no espaço da pesquisa não se tem conseguido evitar ou impedir, barrar a sedução que a imagem exerce sobre todos. Não estaremos contribuindo para essa generalização gratuita da imagem? Não há uma contradição entre o cuidado exagerado com os nomes das crianças e a exibição gratuita da sua imagem? Pergunto: como enfrentar esse paradoxo? (p. 53)

Utilizei o celular para gravar alguns momentos para fazer memória, e em outros, a minha própria memória. Nesses poucos momentos, algumas crianças notaram o celular sobre a mesa, mas não se interessaram em perguntar nada. Optei por uma metodologia de observação participante, hora com interação, hora com silêncio. Não registrei com fotos: estava inteira na experiência com as crianças e ouvindo-as. Confiei no encontro!

Sendo assim, deixava para anotar longe do refeitório, depois que saia de perto das crianças e, em alguns momentos, gravei as crianças falando. Acredito que atingi meu objetivo, principalmente por nenhuma criança ter me perguntado sobre a minha tal pesquisa: eu estava em interação com elas, a situação não foi

criada. Ouvi um pouco sobre o que conversavam no momento do jantar, percebi um pouco o que sentiam, se esse sentimento dialogava com o que eu ouvira de algumas professoras e funcionárias: o jantar era momento de comer e não brincar ou conversar!

Optei por observar alguns momentos do jantar à distância, outros momentos de observação junto às crianças, mas sem grandes interferências, e depois participar com poucas perguntas – as perguntas da minha pesquisa: Sobre o que conversam? Podemos conversar durante o jantar?

O que trago nessa pesquisa, entendo que poderá corroborar com a discussão da equipe escolar e com as crianças, ressignificando assim esse tempo dentro da rotina na escola da Infância.

Mas sem dúvida foi um desafio. Em diversos momentos pensei em recorrer a captação da imagem por meio da foto, temendo perder alguma informação ou ser traída pela memória. Durante a escrita da pesquisa, pensei ter perdido algo ou negligenciado alguma informação. Porém concluo que não.

Como nos mostra Jorge Larrosa Bondía (2002), vivi esses momentos de observação e participação como *experiência/sentido: "E pensar não é somente "raciocinar" ou "calcular" ou "argumentar", como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece."* (p. 21)

Vivi essa experiência com as crianças, a experiência que nos passa, que nos acontece, que nos toca (BONDÍA, 2002). Suas palavras durante suas conversas davam sentido do que elas são, do que acontece a elas. Com suas conversas fui afetada e, apresento nessa escrita, um pouco desse percurso.

> Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (BONDÍA, 2002, p. 21)

A PESQUISA

Felizmente, desenvolvi a pesquisa no meu ambiente de trabalho, o que de início me causou muitos transtornos, mas no processo final, percebi uma grata surpresa. Por estar sempre muito atarefada, correndo de um lado para o outro, no momento da pesquisa, consegui preconizar o que a mestra Adriana Friedmann sempre nos diz: desapegarmos das perguntas ou hipóteses que temos, estarmos inteiras e abertas quando no território das crianças. E assim o fiz.

Realizei a pesquisa de outubro a dezembro, mas durante minhas reflexões, outros momentos surgiram em minha memória nessa mesma situação de refeição e com esse grupo.

Como relatei, por trabalhar no CEI, já observava os bebês e crianças. Mas gostaria de trazer aqui um momento muito importante com algumas crianças dessa pesquisa em uma situação pós jantar. Era início de setembro e a turma já estava na sobremesa, que naquele dia era maçã. Alguns me rodearam – Davi, Rafferty e uma colega – pois queriam saber da casinha de madeira, que estava sendo construída entre a Vila Samir e o Parque (espaços externos do CEI). A casinha era muito esperada e já passava o tempo de estar pronta. Davi me puxa e me agacho. Na minha orelha ele fala algo impossível de ouvir, sinto apenas um pedaço pequeno de maça entrar. *"Mas o que foi isso Davi? (risos). Não entendi nada, mas senti uma maçã. Mastiga e me fala novamente"*. Depois de engolir e rir, ele volta com seu sussurro ao pé do meu ouvido *"Quando a casinha ficará pronta". "Qual casinha, a lá de fora?". "Sim, a casinha de madeira pra nós brincar". "Realmente demorou né?"*, e já com o Rafferty concordando e outras duas crianças próximas, Davi arremata *"Daqui a pouco vamos para outra escola e nem brincamos nessa, viu? Não é justo!"*. O quanto as crianças estão atentas e tem um potencial que, muitas vezes, não damos créditos. Na cena relatada, é possível perceber que elas sabem o que é justiça e compromisso.

E qual será o compromisso da Educação Infantil, senão o de zelar pelos direitos das crianças?

Nem preciso dizer que, a cada momento que vivíamos juntos, meu encantamento por eles e por elas só aumentava!

1. Transcrições dos dados gravados e fragmentos de registros

São Paulo, 21 de outubro de 2019.

Nesse primeiro dia de pesquisa, permaneci ao redor da mesa, observando o que as crianças faziam e sobre o que conversavam. Notei que algumas delas, quando me olhavam, cochichavam entre si. Não foi possível ouvir, mas o riso e o sorriso pareciam ser mais divertidos do que o próprio assunto, pois era muito rápido o cochicho. Eu apenas devolvia sorrindo. Percebi esse movimento em duas duplas; uma, mesmo depois que eu estava distante, permaneceu com os cochichos e os risos.

Três meninas conversavam sobre suas roupas e que tinham ganhado de familiares. Uma, em especial, estava apenas ouvindo. Notei que ela olhava para as roupas das colegas e algo achava estranho. Depois que as outras duas pararam de falar, e estavam comendo, essa mais quieta disse: “Vamos mudar de assunto. Falar de roupa é chato. Quero falar da novela”. As outras duas consentiram e todas continuaram a comer.

Um grupo de quatro meninos falava alto e cantava ao mesmo tempo. Foi difícil entender quem falava, apenas era possível ouvir que alguns cantavam hinos de times de futebol. Mesmo que, aparentemente, a conversar parecia confusa, eles pareciam estar se entendendo muito bem, pois batiam palmas com a boca ocupada pelo alimento, faziam gesto de negativo, positivo na mesma situação de estar comendo.

São Paulo, 22 de outubro de 2019.

Nessa data, especificamente, choveu muito, o que impossibilitou inclusive brincar nas áreas externas.

Algumas crianças, entre elas Gabriel, Davi e Ruth, conversavam sobre trovão e chuva. Ao me aproximar e sentar, escutei Gabriel perguntando para Ruth *“você é minha amiga?”*. Ela, sem falar nada, apenas negava com a cabeça e uma cara bem séria. Mas o assunto continuava entre outras crianças *“não era trovão, era chuva”* (não reconheci quem falou), *“mas quando faz barulho é trovão”* (Gabriel), *“é quando tem luz, já é trovão com relâmpago”* (não reconheci

essa outra fala), *“não pode ter trovão e relâmpago junto, ou é um, ou é outro”* (Gabriel). Davi interrompe: *“Xiiii, tem que comer quietinho”.*

Me aproximo de outro grupo que já havia terminado o jantar. Alice me diz “*oi, tudo bem?”*, respondo dizendo que tudo bem e pergunto sobre ela, o que não obtenho resposta. Quando me sento, questiono se posso perguntar “uma coisa” e, com a cabeça, Alice consente. Então pergunto ao grupo: *“O que vocês gostam de conversar na hora do jantar aqui no CEI?”*

Alice: *“Ah, a gente gosta, a gente gosta de comer. E também a gente gosta de comer tudo. Só comida ruim não”.*

Eu: *“Não gosta de comer comida ruim e gosta de conversar?”*

Alice: *“É”.*

Estevão: *“Eu gosto de comer gostosa”.*

Maria: *“Sabe que hoje choveu. A gente podia pegar água no balde”.*

Eu: *“Água no balde? Por que?”*

Maria: *“Porque dá para fazer porque choveu”.*

Alice: *“Sabia que meu cachorro... sabia que meu cachorro”.*

Eu: *“Mas peraí, vocês estão mudando de assunto. Eu perguntei o que vocês gostam de conversar na hora do jantar”.*

Maria: *“A gente consegue comer rápido”.*

Eu: “*Consegue comer rápido? E por que comem rápido?”*

Maria: *“A gente come... a gente come a gente bebe água... e a gente bebe alguma coisa”.*

Eu: *“Mas por que vocês comem rápido?”*

Maria: *“Porque a gente come devagarzinho”.*

Eu: *“E depois que come rápido, vocês fazem o que?”*

Maria: *“Comemos direito”.*

Eu*: “E depois que comeu, o que vocês fazem?”*

Alice: *“Meu cachorro bebia água da torneira, lá do quintal”.*

Maria: *“A gente come tudo... e conversa”. (risos)*

São Paulo, 13 de novembro de 2019. Quarta-feira

Eu: *“O que vocês conversam durante o jantar?”*

Davi: *“Fazemos silêncio”*

Eu: *“É sério?”*

Davi: *“Não”* e riu.

Rafferty: *“A gente fala da vida”*

Eu: olho para Leticia e, mesmo sem perguntar nada, ela responde *“Não sei”.*

São Paulo, 22 de novembro de 2019. Sexta-feira

Ruth conversava com a Ana da sua roupa que estava “suja” de tinta e que, no final de semana, iria passear, mas com outra roupa. Na gravação, por causa do excesso de sons, não é possível ouvir todo o diálogo. Mas Ana fala, por algumas vezes que *“não pode passear de roupa feia e suja”*, e que *“não tem problema sujar aqui não”* (se referindo ao CEI). Em meu registro, descrevo que Ruth concorda, olha bem fixamente em sua roupa, parecendo procurar pela sujeira, limpa com a mão a camiseta, estica-a, e em um dado momento fala para a amiga *“A minha não está suja... não é nova, mas está limpinha”.*

São Paulo, 25 de novembro de 2019. Segunda-feira

Nessa data, notei que a turma estava conversando mais baixo e muitos cochichos eram notados.

Um grupo de três meninas e dois meninos comentava que não queria ir para outra escola, que lá seria chato, e que queria permanecer no CEI Samir, inclusive contando isso para a professora que passava atrás deles. As meninas se abraçaram e cochichavam que continuariam amigas e que iriam dormir uma na casa da outra. Os meninos combinaram que iriam para a mesma escola.

Leticia, que tinha por hábito não comer nada durante o jantar, estava sentada de costas para a mesa e, ao lado, a outra Leticia dizia, *“mas come só um pouquinho, você vai passar mal, está uma delícia”.* Mas a criança sequer olhava para a amiga, permanecia olhando para a parede.

São Paulo, 28 de novembro de 2019. Quinta-feira

Me aproximei de Yan, Estevão e Gabriel que balançavam a cadeira apoiada apenas em dois apoios, para frente e para trás. Quando me notam, apenas Yan continua a fazer o movimento. Agacho entre Yan e Gabriel, observando todos que estavam sentados próximos, sem falar nada. Yan me cutuca e, com a boca cheia de comida, aponta com o indicador o que estava fazendo. Respondo com uma expressão facial de “o que foi?”. Ele ri e continua

a fazer o movimento. Estevão então diz, *“olha, ele vai cair e bater a cabeça”*. No mesmo momento Gabriel diz: *“Vy, olha, estou comendo tudo... e rápido... e direito... e tudo”.* Aceno com um positivo e mantenho a observação. Estevão também está comendo e observo Ana me olhando da mesa, mas de um ponto bem distante. Apenas dou um sorriso e ela acena. Yan acompanha toda a cena, ainda se balançando. Então me olha, eu disfarço, me cutuca novamente e diz: *“ei, você não vai falar comigo?”.* Respondo dizendo *“oi”* e o nome dele. Gabriel dá risada e faz um movimento lento de negação com a cabeça. Yan apoia a cadeira no chão e diz: *“eu também como tudo... tudo, tudo”.*

Alice me diz *“Vydian, comi tudo oh, só deixei um pouquinho”* chamando minha atenção enquanto conversava com outra criança. Nas últimas observações ela não quis muito papo, não quis comer também. Hoje ela usou a comida para puxar uma conversa.

São Paulo, 06 de dezembro de 2019. Sexta-feira

Um grupo de crianças vem na minha direção, saindo das cadeiras, apoiando na mesa e falando todos ao mesmo tempo.

Maria: *“Vy, oi tia”.*

Eu: *“Oi”.*

Eu: *“Ah, a Eloá gosta de melão e abacaxi?”*

Maria: *“É. Eu também gosto de melão”*

Eu: *“E a Ruth, gosta do que?”.*

Ruth*: “Eu gosto de banana”.*

Eu: *“E o Isaac?”*

Isaac: *“Hum... hum... Mamão”.*

Falatório de muitas crianças.

Alice: “*Eu esqueci seu nome, esqueci seu nome”*

Eu: *“Vydian. Mas se esquecer meu nome, pode me chamar de Vy”.*

Falatório.

Natan: *“Ela chorou”.*

Eu: *“Quem chorou?”*

Natan: *“A Lolo”.*

Alice: *“Ela tava com medo. Ela nem quis ir para a escola”.*

Maria: *“Eu nem chorei”.*

Eu: *“Nem chorou?”*

Maria: *“Eu tô de parabéns”.*

Isaac: *“Ei. Eu caí da minha cama, eu caí da cama e machuquei minhas pernas e nem chorei... aí minha mãe brigou e eu chorei. Eu chorei bemmmm baixinho!”*

Assim como iniciei a organização dos dados gerados, finalizo com uma observação que realizei fora do contexto do jantar. Na última semana de aula, levamos as crianças do Mini Grupo II A e B para um passeio no SESC Itaquera – Zona Leste de São Paulo. Lá realizamos um PIC NIC com todos. Foi incrível observar que, mesmo fora do CEI e dessa organização que já estavam acostumados, as crianças se organizaram sentando ao redor da grande toalha quadriculada, sem muito conversarem, comeram tudo e sem que as professoras tivessem realizado muitas intervenções. Elas apenas sinalizaram que sentassem ao redor da toalha.

_ “Onde você vai?” – me perguntou Gabriel, me abraçando pela cintura, enquanto levantavam das cadeiras após o jantar.
_ “Trabalhar!”
_ “Onde?”
_ “Aqui!”
_ “Que susto, pensei que você ia embora. Gosto de você aqui!”[2]

[2] Fragmentos de minhas anotações após a observação de um jantar no CEI Samir (Novembro de 2019).

O QUE OUVI

Utilizarei o plural de crianças e infâncias, pois assim como defende Friedmann, também acredito na pluralidade de crianças, infâncias e culturas infantis: *"Acredito na necessidade de falarmos em crianças, em infâncias e em culturas múltiplas, diversas, particulares e, ao mesmo tempo, universais: defendo uma "Antropologia das Crianças".* (FRIEDMANN, 2013, p. 64). É preciso considerar as particularidades e que as crianças não sabem mais ou menos que os adultos, apenas sabem coisas diferentes.

Ao observar e interagir com as crianças, assim como elas são plurais, os temas em torno da mesa de jantar também eram diversos. Alguns com relação a fatos ocorridos no próprio CEI, e outros com relação ao cotidiano fora da unidade. O que destaco é, quanto mais as escutamos, mais percebemos os diversos temas e sentidos ali presentes, como pretendo trazer em minha narrativa.

Os momentos do jantar eram sempre de muita alegria para as crianças pesquisadas. Gosto da definição que algumas crianças trazem para **alegria, brincadeira** e **tempo**, no livro "Casa das Estrelas", de Javier Naranjo (2018): *"A força de ser e de sentir"* (p. 21) por Catalina Sanín, de 9 anos; *"É estar contente e amando"* (p. 28) por Ricardo Mejía, 10 anos; *"O tempo é a vida"*(p.128), segundo Alejandro Suárez, 6 anos. As crianças desse agrupamento traduziam, em todos os encontros, essa presença e alegria de estarem juntos, independente do que faziam, se estavam sentados ou comendo. E a urgência com que conversavam e jantavam, demonstrando como o tempo era precioso. As professoras podem comprovam todo esse entusiasmo e alegria que relato!

No mês de agosto de 2020, pedi para que as professoras Ana Beatriz e Elaine fizessem memória da turma que estiveram com elas em 2019 – o agrupamento da presente pesquisa. Destaco alguns trechos que trazem, com riqueza de detalhes, as características dessa turma:

> Enxergava ali de fora a turma com muita energia e muita vontade e que eu não conseguia acompanha-los, de alguma maneira [...]
> Era uma turma ativa e com um mundo para explorar e questionar. Nada era simplesmente posto, era preciso um porquê, uma razão. E entre porquês e de perguntas, fomos crescendo.
> Através das assembleias semanais, conduzíamos as mais diferentes pautas, com sugestões inclusive para a gestão. Foi incrível perceber como se empoderaram deste mecanismo democrático e das palavras

> e seus significados. Pequenos e pequenas sugerindo assembleias para resolver problemas é um caminho especial para se seguir. (Professora Ana Beatriz)
>
> Meu grupo [...], crianças de 3 a 4 anos, era formado por crianças muito falantes, ativas e curiosas. Sendo constituído pelo número de 24 alunos, bem frequentes, o espaço interno de sala sempre foi um fator limitador para tanta energia, principalmente no início do ano.
> Mas essa turma se apresentou de forma muito rica e potente, interessados em livros, textos, cantigas, poesias. Muito receptivos as rodas de música, ritmos, conhecimentos de instrumentos musicais.
> Todos os tipos de materiais oferecidos (tecidos, papelão, cabeleireiro, tintas, pincéis, areia), foram transformados em tardes riquíssimas de descobertas e explorações das mais diversas. Na área externa a exploração do parque e o ambiente natural do CEI nos levou quase a interdição do mesmo, por tantas escavações realizadas pelo grupo [...] (Professora Elaine)

É possível imaginar essa turma incrível, diversa e ávida por conhecer e experimentar. E foi com essas meninas e meninos que estive ao longo da pesquisa.

Destaco que, em 22 de outubro, a conversa foca nos acontecimentos da natureza: chuva, trovão, raios, o que é um, o que é outro..., mas no meio desse tema central, uma criança questiona a amizade da outra, talvez por terem se desentendido. Durante a refeição, para as crianças, também é um momento de fortalecer vínculos e, por que não, consertar um desentendimento.

Quando pergunto a um outro grupo sobre “O que gostam de conversar na hora do jantar”, noto que eles me respondem de duas formas bem distintas: a resposta aceita pelas “normas” de sentar e se alimentar, e depois me respondem trazendo seu cotidiano e vida fora da escola. *“A, a gente gosta, a gente gosta de comer. E também a gente gosta de comer tudo. Só comida ruim não”,* traz a ideia da convenção que podemos estar reforçando com a ideia de que, no momento do jantar, não se brinca ou que é hora de comer, e comer tudo como Alice nos afirma. Já a segunda menina interrompe essa convenção e traz à tona o tema central, a chuva e a possibilidade de “brincar”, pegando a água com o balde. Assim a primeira menina sente confiança em falar do seu cachorro. Quando tento trazer novamente a pergunta – mesmo sem eu ter percebido que eles já haviam me respondido – as respostas da segunda menina dão conta de informar que comem rápido – por que será? (risos) – e que bebem, e conversam! Sim, elas conversam, assim como os adultos quando se alimentam com amigos. O mesmo que observei em 21 de outubro, quando duas meninas conversavam sobre suas

roupas e a terceira quis **“**mudar de assunto”, pois achava aquele assunto de roupa chato.

Aqui me deparo com a necessidade que ainda temos para entender como as crianças pensam, e o quanto esse conhecimento pode ser decisivo para que as conversas delas sejam entendidas como tempos de real aprendizagem. No artigo “Pensamento de criança”, postado no site do “Instituto Avisa Lá” em 23/04/2006, reencontramos as contribuições de Vygotsky e Wallon sobre o pensamento sincrético das crianças pequenas. Essa forma de pensar, que muitas vezes não parece ter lógica, é natural da infância. As crianças reúnem nessas conversas, coisas para tentar explicar, misturam realidade e fantasia, mas são contextos plenos de significado e sentido.

A criança é sujeito de seu processo, e é no pensamento sincrético que podemos ver a potência poética das crianças:

> Eu: *“O que vocês conversam durante o jantar?”*
> Davi: *“Fazemos silêncio”*
> Eu: *“É sério?”*
> Davi: *“Não”* e riu.
> Rafferty: *“A gente fala da vida”*

O falar da vida é a poesia que Rafferty nos traz: a vida são as brincadeiras, as descobertas, as experiências que as crianças têm. E não é possível falar de experiência sem trazer Bondía:

> Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (2002, p. 24)

Assim, durante as conversas que presenciei, ouvi sobre as experiências das crianças, por meio do pensamento sincrético, poético, imaginativo e repleto de emoção. Então, por que o momento da alimentação, e no caso dessa pesquisa, o jantar, é um tempo importante dentro da rotina das crianças? Pois acredito que é um momento rico de experiência e, assim, de aprendizagem.

Nesse mesmo dia, o grupo de quatro meninos que conversavam e cantavam alto, me lembrou aqueles encontros com os amigos onde todos querem falar ao mesmo tempo e, mesmo em meio ao caos, todos se entendem.

Porém, no dia 13 de novembro, parece que fica claro para algumas crianças, o que nós adultos esperamos delas no momento do jantar. Quando pergunto ao Davi, ele afirma *"Fazemos silêncio"*, mas quando confirmo sua resposta, ele nega e ri. Rafferty completa, de forma objetiva e, ao mesmo tempo, poética: *"A gente fala da vida".* Essa cena permeou minha memória durante todo o processo de pesquisa.

Em 22 de novembro, as meninas também conversavam sobre roupas sujas de tinta e para passear no final de semana.

Mais um indício das conversas sobre as preocupações das crianças: em 25 de novembro, um grupo de cinco crianças conversavam sobre a mudança de escola no próximo ano, tendo em vista que o CEI atende apenas até 3 anos e 11 meses. Nesse dia, em especial, muitos cochichos tomavam conta do momento do jantar. Já uma amiga que não estava comendo, era animada por outra para comer, para "não passar mal".

Destaco aqui a situação da Letícia: durante minhas observações, e também enquanto coordenadora pedagógica da instituição, causava-me um grande estranhamento que ela não se alimentasse. Eram raríssimos os dias e os itens que Leticia comia. Durante o ano de 2019, esse tema foi pauta de muitas conversas e reflexões com o grupo docente e gestor. A mãe, em conversas, sempre demostrou tranquilidade no assunto, pois o fato não a incomodava e já era comum em casa. Por sugestão, a mãe fez alguns exames, conversou com o pediatra e o retorno dado pela família é que não havia nenhum indício de desnutrição ou alteração em qualquer exame.

Porém, um ponto de destaque é a solidariedade, nas da outra Leticia que dizia, *"mas come só um pouquinho, você vai passar mal, está uma delícia".* Uma Letícia cuidava da outra. Como afirma Lameirão, *"é na esfera da interação social onde expressamos mais intensa e frequentemente nosso próprio ser"* (2007, p. 35).

Nas minhas observações durante a pesquisa, Letícia não quis conversa, nem mesmo quando eu tentava iniciar, perguntando como estava, ou lançando outras perguntas a ela quando conversava com crianças sentadas próximas.

Nesses momentos, tentei respeitar seu silêncio, e não consegui “ouví-la”, nem a partir de seus gestos, nem de seus olhares. Decifrar a Letícia, em minha pesquisa, foi um desafio que perdi. Coube a mim, respeitar também seus segredos, como afirma FRIEDMANN (2020):

> Mas precisamos também aceitar – e respeitar – que as crianças podem nem sempre querer compartilhar seus mundos, segredos ou vivências; ou ter seus dizeres, narrativas, processos, produções ou imagens expostos ou compartilhados. (p. 142)

Ouvir crianças pressupõem a ética de não violentar o mundo delas. Friedmann esclarece a diferença entre a ética e a moral, na qual a segunda é regra “herdada”. A ética é “construída” e, por ela, “manifestamos o respeito pela inteligência e singularidade de cada ser humano” (2020, p. 140). Assim entendo que precisei respeitar os segredos de Letícia, mais um aprendizado dessa pesquisa.

O próprio comer pode ser uma ponte para começar uma conversa, como fez uma criança em 28 de novembro. Em 06 de dezembro também foi possível ver as crianças “utilizando” a temática das comidas para puxar uma boa conversa. Sim, o tema “comida” aparece nas conversas ao pé do ouvido, mas na maior parte das vezes para uma introdução, um “quebra-gelo”.

As crianças brincam o dia todo, transformando e inventando, e assim conhecendo o mundo e as coisas ao seu redor. Porém, diferentemente do que podemos pensar, as crianças não “nascem sabendo brincar”. Segundo Carvalho et al (2006) as crianças aprendem a brincar brincando com seus pares, com os objetos, no meio em que vivem.

> Quando acompanhadas por um adulto que proporciona diferentes contextos e oportunidades de ampliar conhecimentos, que auxilia e alimenta essa atividade, a brincadeira ganha qualidade, plasticidade e expressividade notáveis, terreno fértil do qual se alimenta a própria criatividade. (p. 32)

Em diversos momentos das minhas observações, verifiquei crianças murmurando cantigas enquanto mastigavam. Em outros, crianças brincavam com o arroz, a colher, cutucavam uma a outra... Eles também, em alguns momentos, paravam de falar quando viam um adulto se aproximando, sendo a professora ou o inspetor, a diretora... Segundo FRIEDMANN (2020), podemos compreender melhor o mundo das crianças e seus códigos, olhando para as escolhas que fazem, sobre os materiais que utilizam, as brincadeiras que

escolhem... Pois cada uma tem um mundo seu, único, particular. O cantarolar que acompanhavam muitas mastigações eram poesias. Ali pude “ouvir” um estado de espírito leve, alegre, era a vida pulsando. Ali as crianças viviam as suas vidas, cada uma do seu jeito, a sua maneira.

Assim me peguei relembrando momentos em que vivi de forma parecida, em especial na época da faculdade, quando almoçava sozinha, pensando na vida ou, simplesmente, “vivendo-a”. Não eram raras as vezes em que me surpreendia com o olhar de outrem rindo do meu murmúrio musical, e me alegrava, um pouco sem graça, da minha criança: *“Olhar o que pode parecer “pequeno” com muito cuidado e atenção, e compreender que, ao escutar e observar uma criança, escuto e observo também a minha criança interior”* (FRIEDMANN, 2020, p. 135).

Acessar o mundo das crianças é desafiador e, durante as observações com elas, constatei que o senso comum se engana quando rotula a criança como transparente e verdadeira no que fala: o que não era dito ou visto era o que mais buscava, na tentativa de conhecer e chegar na verdade dessas crianças. As crianças nessa idade desejam corresponder às expectativas dos adultos, fazendo com que se vinculem as normas e as regras. Assim é importante as educadoras terem clareza de quais são as regras realmente necessárias para compartilhar com as crianças.

Assim eram as caras e bocas do Rafferty, Davi e, consequentemente, as gargalhadas do Estevão e do Yan: em algumas observações não consegui perceber um tema na conversa, apenas essa brincadeira que era somente deles. Essa observação aconteceu em três momentos. Eles pareciam “conversar” a partir de suas brincadeiras, e se entendiam perfeitamente.

Maria: *“Eu nem chorei”.*
Eu: *“Nem chorou?”*
Maria: *“Eu tô de parabéns”.*
Isaac: *“Ei. Eu caí da minha cama, eu caí da cama e machuquei minhas pernas e nem chorei... aí minha mãe brigou e eu chorei. Eu chorei bemmmm baixinho!”*[3]

[3] Transcrição de uma observação, que está na página 27 e 28 do presente trabalho (06 de dezembro de 2019).

O QUE ESCUTEI

Poucas crianças falam da experiência da comida, do que gostam ou não de comer ou algo do tipo. Parecia mais um pretexto para começarem “a conversa”.

> A educação é um processo social. As pessoas se educam e são educadas cotidianamente nas suas relações interpessoais, nas ações de convivência, no trabalho, no lazer, nos diálogos produzidos nos espaços públicos e privados e também nas interações com as informações a partir de diferentes tecnologias... Os bebês e as crianças nascem em seus grupos familiares, e essa é a primeira instituição a lhes oferecer um modo de viver e de realizar tarefas do cotidiano como comer, brincar, vestir-se, isto é, aprender ao estar ativamente se socializando. Vindos de diferentes experiências em espaços privados, os bebês e as crianças encontram-se na escola (o termo “escola” neste documento será tomado como instituição de vivências de infâncias, de interações sociais e culturais, de aprendizagens e desenvolvimento) e iniciam as suas jornadas na Educação Infantil ampliando e pluralizando as suas experiências humanas. (Currículo da Cidade – Educação Infantil, p. 20)

As conversas são bem próximas, muitas ao pé do ouvido. Por esse motivo, fiquei me perguntando se seria devido à organização das cadeiras lado a lado ou o desejo de transgredir o “é hora de comer, não de brincar, não de conversar”?

Ou teria relação com as orientações dadas em alguns momentos sobre não conversar durante a alimentação, que esse momento não era para brincar. Muitas vezes não nos damos conta de que a forma como falamos ou a entonação que utilizamos marcam as informações ou comandas realizadas junto às crianças, como cita Machado:

> Muito do que um bebê compreende, antes da palavra, vem da entonação dos enunciados que circulam à sua volta. Com isso, a entonação é o espaço privilegiado da cena comunicativa: nelas se cruzam o dito e o não dito que não é necessariamente verbal.

Compreendi um pouco quando me recordei da brincadeira que Davi fez em 13 de novembro de 2019 quando perguntei o que eles conversavam durante o jantar:

Davi: *“Fazemos silêncio”*

Eu: *“É sério?”*

Davi: *“Não”* e riu.

A cara de assustada e a resposta de ombros *“Não sei”* da Leticia deixou a mesma sensação. É preciso discutir a relação que fazemos com esse espaço, que é o refeitório, e o tempo, que é o momento do jantar. No Currículo da rede ao qual essa unidade pertence, já está destacada a importância de ampliar e oferecer contextos de significativos de aprendizagem, e diferentes dos encontrados nas famílias, como novos temas, formas...

> É importante que os adultos fiquem atentos e interajam com as crianças de maneira a entendê-las para poder acompanhá-las, de forma rica e significativa, visualizando os caminhos infantis escolhidos, as preferências, interesses e perguntas, ainda que às vezes a jornada de algumas das crianças seja mais silenciosa (nesses casos, devemos ser capazes de descobrir gentilmente o que essas crianças estão aprendendo, vivenciando e pensando). É nossa tarefa registrar a trajetória de todas as crianças. (Currículo da Cidade – Educação Infantil, 2019, p. 151)

Em nossa cultura, a alimentação costuma ser o momento de encontro, socialização, como afirma Soares (2017): mais que só alimentar o corpo, esse momento nutre a alma. Então por que não olharmos mais atentamente para esses momentos? Por que não potencializar esses encontros e partilhas? Potencializar o prazer que esse encontro pode nos trazer?

É importante pensarmos sobre como organizamos o cotidiano das crianças, e se consideramos suas necessidades ou apenas as dos adultos que as cercam. *“Se o adulto não estiver muito atento ou não brincar junto com as crianças, dificilmente irá entender o que acontece dentro de cada brincadeira nem a cultura na qual as crianças estão inseridas.”* (FRIEDMANN, 2013, p. 59)

Como estava na experiência com as crianças, vivi e reconheci expressões faciais e gestos que só pude entender pois estava com elas. Pude me sentir parte!

Durante minhas reflexões, pensei em alguns momentos que tinha observado poucos dias. Ao completar minha pesquisa, percebo que não: não verdade fiquei com “gosto de quero mais”. O meu lado “coordenadora pedagógica” e também professora percebeu o quanto podemos perder quando apenas nos preocupamos com o alimento a ser servido, e a quantidade deles que cada crianças comeu.

> Quando há uma visão restrita do cuidar e os profissionais da Educação Infantil organizam rotinas com base na compreensão de que as necessidades a serem atendidas são apenas de ordem biológica – higiene corporal, alimentação, sono, banho de sol, segurança física –, ações correspondentes podem tornar-se procedimentos mecânicos e

> impessoais. Perdem-se, assim, inúmeras possibilidades de aprendizagem, de interações frutíferas, de conhecimento cultural que poderia ser potencializado nas chamadas “ações e de saúde”. (CARVALHO, 2006, p. 56)

Quando o Davi veio falar comigo, ainda mastigando a maçã, “escutei” a urgência da sua conversa: quanto tempo mais as crianças que estavam indo para outra escola deveriam esperar para inaugurar a tão esperada casinha de madeira? Não dava para esperar outro momento... era uma angústia legítima. Acredito que ali me dei conta da importância das “conversas ao pé do ouvido”, de sua urgência e pertinência.

De forma alguma negligencio nessa pesquisa a importância de se alimentar. Pretendo ir além: a importância de me nutrir e nutrir o outro com as interações. Assim como encontro nas escritas de Sergio Spaggiari, diretor de “La Scuole e Nidi d’Infanzia, Istituzione del Ayuntamiento de Reggio Emilia, Itália:

> Definitivamente, es justo enseñar a los niños a descobrir la riqueza inconmensurable que puede dar el consumo de um buen platô com uma buena compañía... porque también em la escuela, comer significa salud, placer y convivência. (REGGIO CHILDREN, 2012, p. 11)

_ “Ei, como é mesmo seu nome?” - me pergunta Davi.
_ “Vy!”
_ “Mas isso não é nome”
_ “Está certo, é meu apelido. Meu nome é Vydian”
_ “Isso também não é nome não” - responde outra criança.[4]

[4] Fragmentos de minhas anotações como coordenadora no CEI Samir Rachid Saliba (Abril de 2019).

O QUE SENTI

Após essa experiência de estar com as crianças sem roteiros, como uma aprendiz que sou, sinto que muito podemos fazer, começando pela escuta. Essa escuta que perpassa nossos cinco sentidos conhecidos com a percepção do meio interno e externo – olfato, paladar, visão, audição e tato – e que se encontra com a potência de ser de uma criança, em suas diversas manifestações e linguagens.

Acredito na urgência de mudança de concepção, pois são nos primeiros anos de vida que as crianças mostram e expressam seu potencial. Conforme afirma Friedmann *"as crianças mostram e expressam, da forma mais pura, menos contaminada, mais transparente, seus potenciais, suas emoções, suas dificuldades, seus medos, suas tendências."* (FRIEDMANN, 2013, pág. 14)

> Aprender a observar e a escutar os bebês e as crianças é o desafio da(o) professora(or) que compreende a educação como um processo no qual as demandas de bebês e crianças, seus interesses e suas necessidades geram processos coletivos de ampliação e aprofundamento das experiências corporais, sociais, culturais e científicas. Viver coletivamente na UE propicia para as infâncias a expansão de seus territórios, possibilitando a percepção de outros modos de viver, pensar, agir, relacionar-se, isto é, ensina a ver do ponto de vista do outro. (Currículo da Cidade – Educação Infantil, 2019, p. 73)

Se faz necessária uma ruptura com o senso comum, como o que muitas vezes aprendemos de nossos pais e familiares: na mesa para comer, não é lugar de conversar!

Cisele Ortiz, minha querida orientadora, realizou uma breve pesquisa por curiosidade: provérbios que falavam de alimentação e conversa, o que adultos mais velhos ouviam quando eram crianças, e que atravessa a nosso formação:

> "Conversa fiada não bota panela no fogo"
> "Conversa fiada não enche barriga"
> "Quem conversa, não conta horas"
> "A conversa não engasga, mas empata"
> "Conversa de amigos, roubo de tempo"

Na tentativa de compreender essa mensagem que está em nosso inconsciente, na qual durante as refeições não há espaço para a conversa, certamente teríamos uma nova e extensa pesquisa. Mas na Educação Infantil,

na experiência com as crianças, esses ditos populares teriam razão? Sinto que não.

> Se a criança não tiver oportunidades para interagir, dialogar, confrontar postos de vista, ela não estará suficientemente preparada para exercer seu pensamento e sua expressão. Sendo assim, o papel do educador infantil, como um adulto que passa de quatro até oito horas por dia com a criança, é muito importante. A ele, cabe estimular a verbalização, compreendendo o modo sincrético de pensar e de se expressar dos bebês, outorgando sentido comunicativo desde suas mais simples enunciações. (SCARPA, 2006)

Assim, creio que é preciso ressignificar e repensar sobre os excessos de recomendações e regras. Lameirão traz à luz uma importante consideração sobre tudo que for excessivo, pois coloca em risco a perda de umas das características básicas na vida humana: a confiança: *"A criança que é impedida de entrar em contato consigo mesma desenvolve intranquilidade, insegurança e, mais tarde, essa situação pode gerar medo, agressividade, dispersão e hiperatividade [...]"*(2007, p. 27)

> Sin embargo no debemos olvidar que uno de los factores importantes que vinculan al hombre y la comida es el principio del placer: el placer que se deriva del uso de los sentidos, pero también del placer del descubrimiento, el placer de la compañía que em la mesa, se convierte em convivência.
> (REGGIO CHILDREN, 2012, p. 12)

INQUIETAÇÕES

Na conclusão dessa pesquisa, constato que não concluí. Esse momento em que vivemos, de quarentena que ultrapassou 180 dias, de pandemia que ultrapassou tudo o que já vivemos de parecido, colocou luz no que é preciso ressignificar e no que realmente importa. E no contexto de uma escola das Infâncias, onde a pluralidade de culturas, formas de estar e ser no mundo são diversas, é urgente olhar para as práticas mecanizadas, automatizadas e, muitas vezes, legitimada pelo senso comum.

Aqui trouxe o aspecto do momento do jantar, mas se olharmos o movimento do refeitório em uma unidade de Educação Infantil de período integral, são cinco momentos de refeição. Que intensidade de tempos para a aprendizagem e as investigações dos pequenos! Assim, o refeitório se mostra um laboratório rico de pesquisa, de escuta dos bebês e crianças.

> ... Crianças adotam e absorvem a realidade dos adultos à sua volta e vão, ao mesmo tempo, recriando-a e construindo seus próprios universos simbólicos, que só elas entendem. Mesmo assim, todo adulto já foi criança, também viveu de acordo com essa realidade da qual ele se distancia. (FRIEDMANN, 2020, p. 128).

Lameirão indica que a refeição é a base da vida social. Primeiramente, pois todos que estão à mesa têm acesso aos alimentos ali disponibilizados. E também devido à qualidade dos sentimentos que estão presentes nesses momentos, que também nos alimentam*: "[...] percebemos as diferenças que existem entre comer sozinho ou acompanhado, se o ambiente é simples e aconchegante ou se está em desordem, se as conversas são amenas ou se há discussões e desentendimentos". (2007, p. 36)*

Se fizermos esse exercício, de olharmos como eram esses momentos de refeição em nossas infâncias, o que descobriríamos? Que memórias eu tenho? Na minha família, era comum ter a mesa das crianças. Quando nos juntávamos, era lá que nos alimentávamos com as comidas que os adultos produziam, e com o alimento que nós, crianças, tínhamos: o outro, as experiências do outro. Imitávamos os adultos, porém não deixávamos de falar das "coisas da nossa vida": a brincadeira que acabávamos de fazer, qual seria a próxima, das comidas que gostávamos ou não, de como poderíamos ter um avião com passageiros na mão, ao invés de garfo, arroz e feijão!

Imagem 12: Mesa para as crianças (déc. 80)

Fonte: acervo pessoal

Imagem 13: Refeição com a família (déc. 90)

Fonte: acervo pessoal

Para acolher nossos bebês e crianças, precisaremos aprender a nos acolher, acolher a nossa criança, para assim acolher as crianças ao nosso redor. Em 2019, quando conversamos sobre nossas infâncias, algumas professoras do CEI Samir Rachid Saliba compartilharam suas memórias e também trouxeram comidas que marcaram seu tempo de criança. É nesse movimento que podemos iniciar essa nossa discussão.

Acredito que a observação participante, a atitude que desenvolvi ao longo dos meus encontros com Alice, Ana, Davi, Estevão, Gabriel, Gabriel, Isaac, Letícia, Letícia, Maria, Maria, Nathan, Rafferty, Ruth e Yan, possa ser a atitude perseguida pelas professoras e funcionárias que atuam junto às crianças, e que se torne um hábito. Não quero que entendam aqui uma atividade isolada do comportamento dos profissionais que trabalham nas escolas de Educação Infantil, mas sim uma atuação de quem é “do grupo”. Apenas participando do grupo das crianças podemos iniciar uma escuta mais atenta: *“...mergulhar em suas brincadeiras possibilita descobrir quem são essas crianças e o que elas nos dizem por intermédio das suas falas lúdicas e do seu imaginário”.* (FRIEDMANN, 2013, p. 65)

Caso contrário, estaremos apenas ouvindo algumas coisas que as crianças nos dizem, achando engraçado ou bonito, anotando e replicando no relatório semestral. O que elas nos dizem, muitas vezes sem nenhuma palavra, é muito mais que isso!

> Todos nós já vimos uma criança conversando com uma concha, uma pedrinha; nessa conversa, por momentos, a concha será o prato da mesa e, a seguir, emborcada, é barco ou telhado. A criança manipula os materiais de tantas e tantas maneiras! Notamos como borbulham diante dela muitas imagens. (LAMEIRÃO, 2007, p. 17)

Quando falamos que “não é hora para brincar”, vamos contra a natureza da criança. A brincadeira é inerente a ela e é o começo de tudo. *“Nas brincadeiras inicia-se, no meu entender, uma das possíveis origens de construção do ser humano: suas linguagens”* (FRIEDMANN, 2013, p. 45)

O papel do educador é propiciar tempos e espaços para que as diversas linguagens sejam experienciadas e exercitadas. Durante os sete primeiros anos de vida, o brincar prepara a base para o desenvolvimento saudável do ser humano, se reconhecendo, descobrindo, compreendendo e construindo seu mundo, estabelecendo vínculos através da experiência, imaginação e fantasia. *“Quando me capacito a ouvir a voz do outro, me aproximo de sua essência”* (LAMEIRÃO, 2007, p. 37).

A brincadeira adquire outros e novos contornos, convivendo com a tecnologia, brinquedos industrializados, menos espaços para brincadeiras espontâneas e coletivas, escola e sociedade que, sem consciência, roubam o ser criança natural.

O que primeiro observamos em uma criança é o brincar e o movimento, desde o ventre. E é esse impulso para agir que leva a criança a conhecer o mundo, conforme afirma LAMEIRÃO (2007). Começa por seu corpo, o mundo externo mais próximo, com movimento inicialmente sem consciência que, aos poucos, vai tomando posse e vontade.

Quando muito pequena necessita de algo para imitar, um modelo, pois a abstração vem bem depois. Segundo LAMEIRÃO (2007), a primeira forma de aprendizagem é a imitação, *“é uma memória corporal que é vivida na inconsciência ou no semiconsciência”.* (LAMEIRÃO, 2007, P. 13). As mãos são o primeiro brinquedo. Depois, tudo se transformará em brinquedo. Assim também durante as refeições.

O que defendo, assim como Friedmann, é escutarmos com mais atenção nossas crianças.

> Quando defendo a importância de dar voz às crianças, sustento que elas estão permanentemente falando, dizendo, expressando, por inúmeros meios, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência de fazê-lo. (2013, p. 31)

Além de tudo que escutei delas, as palavras de Rubem Alves em *Escutatória*, presente em seu livro “O Amor que Acende a Lua” (2000, Editora

Papirus) ecoam como um hino sobre a graça e a dificuldade em escutarmos. Trago apenas alguns fragmentos:

> Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular[...]
> Parafraseio o Alberto Caeiro: "Não é bastante ter ouvidos para se ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma." Daí a dificuldade: a gente não agüenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor.[...] Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos [...]
> Para mim Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto..."

Diante de tudo que vi, ouvi e vivi juntos com as crianças, minha maior inquietação talvez esteja em pensar como podemos organizar as rotinas sem perder a possibilidade de evidenciá-las, e não apenas os adultos que ali trabalham. Para isso, será necessário aprendermos juntos, crianças e adultos, de forma respeitosa e saudável. Como podemos "curtir" esse momento, e privilegiar esse tempo e espaço para que as crianças possam falar de si e se encantar pelo outro.

Um desdobramento possível dessa pesquisa seria confrontar a percepção das educadoras: O que as crianças conversam? São temas diferentes dos que permeiam as brincadeiras em outros espaços? O que as professoras relatam ouvir no refeitório? São os mesmos temas verificados na pesquisa?

Considero que nessa trajetória, as crianças me mostraram a importância da brincadeira e da escuta, para realmente acolhermos seus desejos e necessidades, até os mais secretos.

Placer – comunicación – crecimiento
Salud – relación – identidade
Prevención – emoción – hábitos
Conciencia – conocimiento – tradiciones
Cantidad – encuentro – estilos de vida
Calidad – diálogo simbólico – opciones
(REGGIO CHILDREN, 2012, p. 19)

O TANTO QUE RECEBI QUERO COMPARTILHAR

E depois de observá-las e escutá-las, compartilhar de seus cochichos e respeitar os seus segredos, como poderia realizar uma devolutiva de tudo que aprendi? De tudo que experienciei juntos delas e deles?

Desde o início dessa jornada, sabia que não estaria mais com essas crianças em meu convívio, e que elas sequer estariam nessa unidade educacional, pois estariam, em 2020, em outra escola para mais uma etapa. Então como devolver com gratidão tudo que conheci junto delas?

Não encontro outro caminho a não ser agradecer às todas as crianças que sucederem esse grupo, a todas aquelas, que assim como essas 15, estarão comigo e com as demais educadoras nesse Centro de Educação Infantil e em tantos outros lugares. Assim, junto minha voz e o meu fazer ao que nos diz um provérbio africano *"Para educar uma criança, é preciso uma aldeia inteira"*. E no meu campo de atuação, o chão da escola, é onde também precisamos constituir uma aldeia. *"A estrela que está ao alcance de cada criança quando brinca pode tornar-se a boa estrela-guia de todo educador em sua tarefa, e assim, cada ser humano poderá mostrar-se em todo o seu brilho e limpidez".* (LAMEIRÃO, 2007, p. 81)

Entendo ao final desse percurso de pesquisa, que o importante não é somente o que se escuta, mas sim como realizamos essa escuta.

Fica então minha gratidão sincera e o compromisso de honrar esse grupo de pesquisadores através da devolutiva junto à comunidade escolar e de novas possibilidades para ser e estar na escola das Infâncias. Com eles e elas, pude olhar para o refeitório, esse espaço físico que atravessamos todos os dias e por diversas vezes no CEI Samir Rachid Saliba, por um novo ponto de vista!

O seu olhar lá fora
O seu olhar no céu
O seu olhar demora
O seu olhar no meu

O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu

Onde a brasa mora
E devora o breu
Como a chuva molha
O que se escondeu

O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu

O seu olhar agora
O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha
O seu olhar é seu

O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu

“O seu olhar”.
Composição: Arnaldo Antunes e Paulo Tatit

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo. **O seu olhar.** Rio de Janeiro: BMG, 1995. Disponível em: https://arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=26. Acesso em 26 set. 2020.

AUGUSTO, Silvana; CARVALHO, Silvia Pereira de; KLISYS, Adriana. **Bem-vindo, mundo! Criança, cultura e formação de educadores.** São Paulo: Peirópolis, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

FOCHI, Paulo org. **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI.** Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.

FRIEDMANN, Adriana**. Linguagens e culturas infantis***.* São Paulo: Cortez, 2013.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. In: **Cadernos de Pesquisa. Revista Quadrimestral** – julho 2002, nº 116. São Paulo: FCC, 2002, p. 41-59.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando! Quem a educa?** São Paulo: João de Barro Editora, 2007.

MACHADO, Irene. Encruzilhada de Vozes. In: **Revista Avisa Lá,** edição 4, Ago/2000. Disponível em https://avisala.org.br/index.php/assunto/conhecendo-a-crianca/encruzilhada-de-vozes/. Acesso em 26 de setembro de 2020.

NARANJO, Javier. **Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças.** Tradução de Carla Branco. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ORTIZ, Cisele et al. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO “CEI SAMIR RACHID SALIBA”. São Paulo: CEI Samir Rachid Saliba/DRE Penha, 2020.

REGGIO CHILDREN – Centro Internazionale per la difesa e la promozione dei diritti e dele potenzialità dei bambini e dele bambine. **Los linguajes de la comida: recetas, experiencias, pensamentos.** México: Solare Servicios Educativos, 2012.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Infantil. – São Paulo: SME / COPED, 2019.

SCARPA, Regina. Pensamento de criança. In: **Revista Avisa Lá**, edição 26, Abr/2006. Disponível em: https://avisala.org.br/index.php/assunto/conhecendo-a-crianca/pensamento-de-crianca/. Acesso em 26 de setembro de 2020.

SIMÃO, Márcia Buss. **Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 41, p. 37-59, jan./abr. 2014.

SOARES, Suzana. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos.** São Paulo: Omnisciência, 2017.

ANEXOS

MEMÓRIAS DO AGRUPAMENTO – 2019

São Paulo, 31 de agosto de 2020

Em 2020, resgatar as memórias da turma de 2019 é viver uma viagem. Foi minha primeira turma de MGII, minha primeira turma no CEI Samir Rachid Saliba, eram muitas novidades e incertezas no primeiro semestre.

Enxergava ali de fora a turma com muita energia e muita vontade e que eu não conseguia acompanha-los, de alguma maneira. Percebi durante os primeiros meses, que estava me afastando da forma como me construí como professora para tentar colocá-los dentro de normas e padrões que até então eu mesma não entendia.

Foi necessário um processo diferente para mim. Precisei me avaliar e reavaliar para conseguir saber como escutar de fato aquela turma. E a partir de uma demanda que veio da turma, uma queixa de uma família, consegui aos poucos ir abrindo o diálogo com eles que tinham tanto para falar e ensinar.

Era uma turma ativa e com um mundo para explorar e questionar. Nada era simplesmente posto, era preciso um porquê, uma razão. E entre porquês e de perguntas, fomos crescendo.

Ao final do primeiro semestre, construímos o projeto de identidades individuais, para que se respeitassem e se enxergassem enquanto indivíduos de direitos. No segundo semestre, caminhamos para a constituição da identidade do grupo.

Necessitávamos estabelecer combinados e resolver conflitos que desde o início do ano se repetiam, seja por falta de comunicação entre as crianças, não saber verbalizar o que sente, ou agir impulsivamente para conseguir o que queriam. Para eles, o importante foi que a percepção dos problemas e suas soluções viessem do grupo.

Através das assembleias semanais, conduzíamos as mais diferentes pautas, com sugestões inclusive para a gestão. Foi incrível perceber como se empoderaram deste mecanismo democrático e das palavras e seus significados. Pequenos e pequenas sugerindo assembleias para resolver problemas é um caminho especial para se seguir.

Ao final, já constituídos com grupo, trabalhamos a identidade do você, do outro. Através da elaboração e envio de cartas. Traçar este percurso casa-escola. Este

trajeto com as demais crianças foi facilmente comprado por um grupo que tinha um potencial tremendo. Cada criança ali se desenvolveu e foi acolhida de uma maneira que se sentiu confortável.

Hoje, quando olho nosso percurso, nossas conquistas. Levo esta turma em meu coração.

No início do ano, não esperava que construiria com eles um projeto criado com eles, pensando etapa após etapa, que só foi possível porque o grupo tinha estava vontade e este anseio por falar e ser escutado.

Professora Ana Beatriz de Medeiros Pereira

São Paulo, o8 de setembro de 2020

Meu nome é Elaine Cassia e sou professora de educação infantil. No ano de 2019 ingressei no CEI “Samir Rachid Saliba”, no Tatuapé.

Anteriormente trabalhava em uma comunidade muito diversa, em termos de território, vulnerabilidade e cultura. Deparar com a realidade desse novo CEI foi uma mistura de surpresas muito agradáveis, mas ao mesmo tempo de difícil adaptação. As famílias muito receptivas se mostraram também exigentes e preocupadas com o ingresso de um número grande de professoras que não faziam parte do quadro das quais já haviam um vínculo de confiança e afetividade bem fortalecido.

Meu grupo de Mini II, crianças de 3 a 4 anos, era formado por crianças muito falantes, ativas e curiosas. Sendo constituído pelo número de 24 alunos, bem frequentes, o espaço interno de sala sempre foi um fator limitador para tanta energia, principalmente no início do ano.

Como sou uma professora com relativa experiência em Mini II iniciei meu trabalho na conquista de crianças e famílias, construindo um vínculo de confiança e afetividade entre todos os envolvidos no trabalho pedagógico a ser desenvolvido.

Trago uns “trunfos” que sempre utilizo para conhecer meu agrupamento e observá-lo na busca de seus interesses, tais como: contação de histórias, musicalização, brincadeiras cantadas, que ao mesmo tempo que trago um repertório cultural para as minhas turmas vamos construindo um caminho seguro para elementos que possam nos levar à construção de um Projeto.

Mas essa turma se apresentou de forma muito rica e potente, interessados em livros, textos, cantigas, poesias. Muito receptivos as rodas de música, ritmos, conhecimentos de instrumentos musicais.

Todos os tipos de materiais oferecidos (tecidos, papelão, cabeleireiro, tintas, pincéis, areia), foram transformados em tardes riquíssimas de descobertas e explorações das mais diversas. Na área externa a exploração do parque e o ambiente natural do CEI nos levou quase a interdição do mesmo, por tantas escavações realizadas pelo grupo do Mini II.

E para meu ganho profissional ser ainda maior, compartilhei a parceria da sala com uma professora com todas as características profissionais admiráveis, uma visão moderna e muito aprofundada nos fazeres pedagógicos, o que acrescentou demais no meu desenvolvimento profissional.

Na finalização do ano, o projeto desenvolvido pelo Mini II tarde, foi o “Brasilidade” onde nos aprofundamos aos ritmos e cultura popular brasileira, e como o grupo ficou “apaixonado” pelo Bumba meu Boi, finalizamos o ano com essa dança.

Outro movimento muito importante também foi o projeto de reconto de histórias, onde nosso agrupamento percorreu desde os berçários até os outros agrupamentos realizando roda de histórias, contadas pelas crianças e com brincadeiras e cantigas com o grupo de Mini II trocando experiências com todas as crianças do CEI.

Foi uma experiência ímpar, essa turma ficará sempre nas minhas lembranças, como um ano em que eu, minha parceira, grupo gestor e todos os educadores de nossa unidade finalizamos nosso trabalho na grata satisfação de desenvolver um trabalho onde a qualidade da escola pública foi exaltada e o protagonismo de nossas crianças foram o ponto principal na construção de seus saberes.

Professora Elaine Cassia de Lima Soares

A CASA TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

Formulário de consentimento – pais/responsáveis

Tenho conhecimento de que meu/minha filho/a, ou criança por quem sou responsável está participando de uma pesquisa que visa identificar quais assuntos ou temas são abordados pelas crianças do MGII B durante o horário de alimentação, mais especificamente no momento do jantar. Estou ciente que a pesquisadora é a Vydian F.B. Numa, e que os dados serão utilizados para a pesquisa de campo da pós-graduação “A vez e a voz das crianças: A arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”. Autorizo que ele/a seja entrevistado/a e entendo que nenhuma informação sobre sua identidade, imagem ou opinião serão identificadas.

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Outubro / Novembro de 2019

A CASA TOMBADA
Lugar de Arte, Cultura e Educação

Formulário de consentimento – pais/responsáveis

Tenho conhecimento de que meu/minha filho/a, ou criança por quem sou responsável está participando de uma pesquisa que visa identificar quais assuntos ou temas são abordados pelas crianças do MGII B durante o horário de alimentação, mais especificamente no momento do jantar. Estou ciente que a pesquisadora é a Vydian F.B. Numa, e que os dados serão utilizados para a pesquisa de campo da pós-graduação “A vez e a voz das crianças: A arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”. Autorizo que ele/a seja entrevistado/a e entendo que nenhuma informação sobre sua identidade, imagem ou opinião serão identificadas.

Nome do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Outubro / Novembro de 2019